

DENISE CORRÊA

**CRIATIVIDADE E VIDA NA EXPRESSÃO VISUAL DAS CRIANÇAS
ACOLHIDAS PELA CASA VOVÔ ANTÔNIO**

Barretos, SP/2011

DENISE CORRÊA

**CRIATIVIDADE E VIDA NA EXPRESSÃO VISUAL DAS CRIANÇAS ACOLHIDAS PELA
CASA VOVÔ ANTÔNIO**

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura
habilitação em Arte Visuais, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade
de Brasília.

Orientadora: Maria Goretti Vulcão.

Co-orientadora: Lucia B. F. de Aguiar

Barretos, SP/2011

Dedicatória:

Para o menino sanfoneiro Everton Lucas Ribeiro (in memoriam), que mesmo em estado de grande sofrimento tirou da sua sanfona as mais belas melodias, mostrando a todos nós dentro da Casa Vovô Antônio a vida escondida no seu peito.

Agradecimentos

Ao pessoal da administração da Casa Vovô Antônio:

*Sirlene Maria de Oliveira Souza,
Marciana Antunes de Sousa Lelis,
Márcia Gonçalves Dutra.*

*Que tanto incentivaram e colaboraram com o trabalho abrindo os seus
corações e o espaço da instituição para que tudo acontecesse.*

*Um agradecimento especial a Laís Corrêa de Carvalho (minha filha), que
todas os dias antes de iniciar as oficinas, prendia os seus lindos cabelos e
emprestava o seu talento para colaborar com a organização e o bom
funcionamento do trabalho.*

Pensamento norteador:

Evite ter pena de si, que encontrarás a força necessária para lutar.

Denise Corrêa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. CRIATIVIDADE.....	9
1.1. Potencial criativo.....	9
1.2. Elaboração criativa.....	10
1.2.1. <i>As Inteligências múltiplas</i>	11
1.3. A percepção estética da arte.....	12
1.4. O desenho como libertação do inconsciente.....	13
2. O ARTESÃO E OS MODELOS DE ENSINO EM ARTES.....	15
2.1. O Artesão.....	15
2.2. As Academias de Belas-Artes.....	16
2.3. A Missão Artística Francesa.....	17
2.4. As Artes Plásticas.....	18
2.5. As Artes Visuais.....	19
2.6. A Cultura Visual.....	19
3. O CÂNCER INFANTIL.....	21
3.1. A Fundação Pio XII.....	21
3.2. A enfermidade.....	22
3.3. O estresse.....	22
3.4. Os tipos de tratamentos clínicos.....	23
3.5. A estrutura da casa Vovô Antônio.....	25
4. A ARTETERAPIA E AS OFICINAS.....	27
4.1. Concepção.....	28
4.2. A Arte-terapia Vivencial ou experimental.....	29
4.3. Oficinas prática.....	30
4.3.1. <i>Reduzir, Reutilizar e Reciclar</i>	31
4.3.2. <i>Os brinquedos</i>	31
4.3.3. <i>O diário de imagens</i>	33
4.3.4. <i>A colagem de figuras de revistas</i>	33

4.3.5. Montagens e colagens.....	34
4.3.6. O desenho e as cores.....	34
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
ANEXOS.....	41
A - Plano de curso das oficinas.....	41
B - Cartilha de procedimentos das oficinas.....	43
C – As Imagens das oficinas.....	56

INTRODUÇÃO

“Pigmalião é um escultor, que deseja modelar uma figura de mulher ao seu gosto e se apaixona pela estátua que fez. Roga a Vênus que lhe dê uma noiva à sua imagem, e a deusa converte o frio marfim num corpo vivo” (GOMBRICH, 2000, p.80). Este é o mito grego de Pigmalião, que descreve metaforicamente a sensação que todos nós temos durante o processo de criação, ou seja, a nítida sensação de estarmos dando vida a uma materialidade e também a relação de afeto que podemos ter com a nossa produção.

É dentro desta concepção que o tema: Criatividade e Vida Na Expressão Visual das crianças acolhidas pela Casa Vovô Antônio se transforma em um projeto de Artes Visuais com interface em Arte Terapia Vivencial, procurando revelar através das oficinas a vida e a alegria que são tão normais para todos nós, principalmente na infância.

A Casa Vovô Antônio é uma instituição que abriga crianças e adolescentes de zero a dezoito anos que necessitam de hospedagem enquanto estão fazendo tratamento de câncer no Hospital Pio XII (Barretos SP). Trata-se de um público diferenciado, são crianças que estão à margem da rotina natural de qualquer criança comum, elas estão em situação de “suspensão” do seus mais simples afazeres, não vão à escola, moram em um local comunitário distante das suas cidades de origem, estão sob um tratamento que é bastante invasivo, constantemente elas sentem os seus corpos se modificaram como a queda dos cabelos, emagrecimento e indisposições de todo o tipo, enfim a guinada que a situação de enfermidade provoca é bastante grande e deixa muitas marcas.

A criatividade explorada no campo das artes visuais é o tema central das oficinas. Nosso objetivo é trabalhar na confecção de obras com materiais convencionais, outros encontrados na natureza e produtos descartáveis, enfim objetos que estão presentes no nosso cotidiano e de fácil aquisição e manejo. A intenção está em incentivar a criatividade dentro das possibilidades da nossa cultura onde a visualidade é um ponto bastante forte, trazendo para as oficinas temas que despertam a curiosidade e a criatividade, como brinquedos, recortes, colagens, desenhos, etc., dinamizando o espaço físico que foi cedido dentro das dependências da Casa para uma atividade que além de trazer enriquecimento da auto-estima,

também atua como uma descoberta deste novo campo que é a arte terapia dentro de instituições com as mesmas características da Casa Vovô Antônio.

O entendimento teórico sobre este trabalho nas oficinas passa pela definição do processo criativo humano, as inteligências múltiplas, o desenho e a sua significação no nosso imaginário, o status do artesão na sociedade consumista, como que o ensino de artes aconteceu historicamente, o que é a enfermidade câncer e a Arte Terapia Vivencial como possibilidade de tratamento coadjuvante para os moradores da Casa Vovô Antônio.

É um trabalho considerado não formal por que não se vincula a nenhum currículo oficial de ensinamento de artes, é uma proposta experimental que adquiriu uma dinâmica própria dentro da rotina da Casa, revelando-se bastante viável como um campo de atuação do educador de Artes Visuais.

CAPÍTULO 1: CRIATIVIDADE

1.1. Potencial Criativo.

Entender a potencialidade criativa infantil mesmo em estados de desordem física e psicológica é o primeiro passo para o desenvolvimento deste projeto. A potencialidade criativa é uma qualidade inerente ao ser humano, pertencente inclusive a sua própria evolução.

Com base na frase “O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, e esta, por sua vez a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (OSTROWER, 1977a, p. 9), desta forma, entendemos que o potencial humano de inter-relacionar eventos, externos e internos, é o elemento que reveste nossas vidas de novas significações. Tudo o que percebemos e relacionamos tem um sentido, onde o ponto de referência é o indivíduo que está operando essas conexões.

O potencial humano se estrutura nessa busca de ordenações e de significações, onde esta interrelação interior-exterior está em constante busca por criações. Seguindo esta dinâmica, acreditamos que criar é ver-se, criar é ordenar, criar é refazer, criar é ressignificar a auto-imagem, criar é principalmente uma necessidade humana em todas as competências.

Este trabalho pretende analisar alguns elementos que ampliam a ação criadora nos indivíduos, onde a intuição aparece como a base para se poder criar, intuir é descobrir caminhos, quando se intui “a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo em que o intelecto estrutura as emoções” (OSTROWER 1977b, p. 10), diferentemente do instinto, que é uma reação rígida e predisposta herdada geneticamente, o homem é um ser quase que totalmente intuitivo.

Para (Ernst Fischer, 2002, p.11-16), a potencialidade humana criadora revela-se por meio do poder de utilizar as suas experiências e as experiências alheias e, considerando tudo o que a humanidade conquistou como sendo parte de seu “eu” interior. Ele vai mais adiante afirmando que o universo da arte é um meio com grande potencial para a criação porque é a arte que promove a junção concreta do indivíduo (persona), com o meio em que ele vive, por meio de suas idéias e de suas experimentações.

1.2. Elaboração Criativa.

A elaboração é a ordenação da criatividade em uma materialidade. Entendemos por materialidade em artes visuais, o material concreto que utilizamos como, por exemplo: O lápis e o papel, a tinta e a tela, argila, etc., são os suportes concretos onde o potencial criativo vai ser realizado.

A elaboração artística está profundamente inspirada nos estilos pré-existentes de cada cultura, ou seja, cria-se a partir de estilos como se estes estilos tivessem vida própria, sendo desta forma construída na tradição, ou seja, “Michelangelo não poderia ter criado nas cavernas. Foi necessário um logo tempo de aprendizado” (GOMBRICH, 1983 apud OSINSKY, 2001, p.103). Concluindo-se, portanto que a elaboração artística dos estilos se configura como uma ilusão distante da verdadeira natureza “nunca houve imagem que fosse igual à natureza; todas as imagens baseiam-se em convenções, tal como a linguagem ou as letras ao alfabeto” (GOMBRICH, 2000, prefácio, p. XV).

“A matéria objetivando a linguagem, é uma condição indispensável para podermos avaliar as ordenações e compreender o seu sentido” (OSTROWER, 1977c, p.37), ou seja, a materialidade é a responsável por concretizar o sentido da linguagem, por exemplo, em uma simples cópia onde algumas cores foram trocadas, já existe uma modificação na linguagem transmitida, na materialidade e, conseqüentemente, a linguagem foi modificada.

Embora a elaboração artística seja feita pela composição selecionada por pessoas, a materialidade que se dispõe para a execução e que faz parte da definição dos estilos artísticos está intrinsecamente ligada à cultura e a época em que estas criações estão acontecendo, por exemplo, quando se descobriu o bronze (Egito e China 1.800 a.C.), muitas obras artísticas desta época foram feitas deste material, revelando desta forma, que o desenvolvimento e o uso da materialidade para uma obra artística é um indicativo histórico sobre onde a obra aconteceu ou está acontecendo, pois, “A materialidade seria, portanto a matéria com suas qualificações e seus compromissos culturais. É ela, matéria cultural, que propõe os confins do possível para cada indivíduo.” (OSTROWER, 1977d, p.43).

Na pós-modernidade podemos considerar que temos um contato com uma gama enorme de materiais e suportes pré-fabricados, emergimos de uma cultura em

que a industrialização e o consumismo em excesso se fazem presente em todos os campos de atuação, somos pessoas acostumadas com uma grande diversidade de formas e cores produzidas em suportes variados que vão desde objetos descartáveis usados no cotidiano até as imagens apresentadas pela mídia.

Este projeto vai se apoderar justamente desta materialidade e dos variados tipos de suportes da atualidade, estes se caracterizam por serem bastante convidativos a fazerem combinações e encontrar soluções criativas para as oficinas. A intenção é fazer uso da criatividade tão suprimida pela nossa cultura do pré-fabricado utilizando justamente estes pré-fabricados, como materiais de criação. Entender o mundo massificado transformando as pequenas coisas do cotidiano em versões diferentes do uso convencional, transferir o valor da função do objeto para a valorização da forma do objeto em si, descobrir novas maneiras de interpretá-los podendo proceder da mesma maneira com os materiais que se encontram na natureza tudo isto pode ter um excelente resultado plástico para se trabalhar em artes.

1.2.1. As Inteligências múltiplas.

A concretização da elaboração vai depender de fatores culturais e da nossa personalidade que é a natureza do nosso pensamento, ou seja, de nossa inteligência. Segundo (GARDNER apud ISAIA, 2007a, p.16) nossas inteligências são múltiplas e podem ser divididas em: Inteligência Lingüística, Musical, Lógico-Matemática, Espacial, Cinestésico-Corporal, Intrapessoal e Interpessoal.

Todos nós temos dentre estas inteligências que Gardner sugere uma hierarquia de afinidades, portanto a elaboração criativa da inteligência mais proeminente será a mais rica de interrelações. Para (CORRÊA e NUNES 2001, p.8) o trabalho com artes visuais tende para a Inteligência Espacial por que lidamos com superfície, volume, espaço, linhas, texturas, cores e luzes.

Durante a nossa vida estas inteligências passam por diferentes estágios de compreensão do mundo que (GARDNER apud ISAIA, 2007b, p.30), dividiu em três:

1 - Mente natural ou ingênua, é a mente da criança pequena de cinco a seis anos, onde os órgãos sensoriais é que fazem as “respostas” ao mundo, as suas

atividades são relacionadas às tarefas do cotidiano, aprende-se fazendo e por intuição, os conceitos não são construídos, mas reproduzidos de acordo com o meio cultural em que a criança está inserida. Uma pessoa pode manter a mente ingênua dentro das áreas de inteligência onde o seu domínio é menor e, na maioria das vezes principalmente em situações do cotidiano.

2 - Ao entrar na escola a mente pode ser chamada de escolar ou acadêmica, é quando os ensinamentos científicos e abstratos são apresentados, distanciando-se da vida cotidiana e fazendo a criança ter outra forma mental de observar os acontecimentos ao redor.

3 - Por fim na fase de desenvolvimentos de conceitos e habilidades teremos uma mente especialista ou disciplinar, a pessoa é capaz de raciocinar dentro de uma área específica “A mente especialista representa a possibilidade de um conhecimento articulado sobre o mundo... a mais importante aquisição dos seres humanos” (GARDNER, 1977, apud ISAIA, 2007c, p.32).

A mente natural pode ser um obstáculo para o crescimento das outras mentes, por que neste estágio etário as pessoas adquirem profundas gravações que mesmo depois da escolarização e tendência é que esta mente ingênua prevaleça sobre as outras.

1.3. A percepção estética da arte.

Como estaremos trabalhando com a percepção de crianças diante de trabalhos artísticos, é necessária a compreensão das principais características de cada estágio, que segundo Abigail Housen (apud ROSSI, 2006a, p.25) classifica-se em:

Primeiro estágio: Descritivo, narrativo. Pertencem a este estágio todas as crianças e as pessoas que tem pouca convivência com a arte. Esses espectadores focam a atenção nos detalhes mais visíveis da obra, analisam o que vêem como se tudo tivesse vida própria e como se eles mesmos participassem da cena, é uma leitura egocêntrica onde este espectador só considera a obra como boa se ela descrever algo que para ele faça parte da sua vida, que seja seu conhecido,

“sentimentos de profundidade, complexidade e intensidade não aparecem neste estágio” (ROSSI, 2006b, p.27).

Segundo estágio: Construtivo. Este espectador já observa mais os elementos de composição da obra, ele procura entender como ela foi feita e qual a técnica que foi utilizada, os espectadores deste estágio procuram um realismo excessivo nas obras, tudo deve ser como se vê em uma foto, associam as obras artísticas aos valores do mundo, começa a entender que a obra tem um conceito distanciado da sua vida pessoal.

Terceiro estágio: Classificativo. Neste estágio o leitor procura tirar a emoção pessoal do seu entendimento se distanciando da obra, ele “utiliza todo tipo de informação: origem, estilo, datas, influências históricas, contextualização do artista, coerência formal, etc.” (ROSSI, 2006c, p.29).

Quarto estágio: Interpretativo. O espectador tem uma interpretação pessoal permeada de emoção, “ele percebe que pode haver muitas respostas diferentes para um trabalho de arte, mesmo de um único observador, durante uma mesma leitura” (ROSSI, 2006d, p.31). É o estágio onde se encontram os profissionais de artes.

Quinto estágio: Re-criativo. “Enfim o leitor é capaz de refletir sobre o objeto de arte, sobre si próprio e sobre a experiência estética. Neste momento ele comunga com a sua própria re-criação” (ROSSI, 2006e, p.33). Neste estágio o leitor tem um conhecimento sobre as artes no geral, podem ser inseridos nesses estágios os profissionais e críticos de arte.

O público infantil da Casa Vovô Antônio se encontra inserido no primeiro estágio.

1.4. O desenho como libertação do inconsciente.

O desenho é muito mais do que uma linha em uma folha de papel, ele é a continuidade do nosso pensamento sobre o mundo e, está relacionado com o homem até sob o aspecto antropológico da sua evolução (VELLONI, 2011, p.1).

É interessante notar que em todas as habilidades e competências humanas o desenho se faz presente, o desenho existe inclusive nas formas da natureza, pois,

“Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, idéias são tentativas de aproximação do mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.” (DERDYK, 1989, p.24).

Nos desenhos das crianças a linha se manifesta na forma livre e demonstrativa. A forma de se expressar é uma manifestação do inconsciente e o desenho, um meio para essas sensações tomarem forma. Pelo desenho, a criança pode criar e recriar, construir e desconstruir enfim, deixando a sua marca pessoal em um suporte concreto.

CAPÍTULO 2: O ARTESÃO E OS MODELOS DE ENSINO EM ARTES

2.1. O Artesão.

Por volta do ano de 1.900, com o advento da revolução industrial, impôs-se na sociedade uma nova realidade, onde as produções começaram a acontecer em série, ou seja, foi quando um objeto adquiriu a possibilidade de ser reproduzido por inúmeras vezes. Esse novo cenário fez com que a figura do artesão quase desaparecesse, pois, o trabalho deste profissional já não atendia mais as expectativas de quantidade e velocidade que a nova sociedade estava exigindo, enfim, toda uma cultura em torno do trabalho manual foi modificada (OSINSKY 2001, p 44).

Existem dois tipos de trabalhos onde as mãos são importantes, o artesanato e o trabalho manual, a diferença está no fato de que o artesanato:

É o produto resultante do trabalho predominantemente manual (onde 80% ou mais do total das etapas de produção é fruto da transformação da matéria-prima pelo próprio artesão) que reflete a criatividade e a habilidade do produtor, possui características culturais e pode ser identificado como peça única (PORTAL DO ARTESANATO BAURU E REGIÃO, 2001a, p.1).

Quanto ao que se denomina trabalho manual, podemos considerar que:

É o produto resultante de atividade exclusivamente manual ou apoiada em instrumento ou máquinas simplificadas. Esse trabalho não tem obrigatoriamente características culturais específicas e não atinge a qualificação de peça única, exclusiva. Sendo cópia ou não, o trabalho manual se caracteriza pela produção limitada, não podendo ser produzido em série (PORTAL DO ARTESANATO BAURU E REGIÃO, 2001b, p.1).

A confecção dos objetos passou para a mão dos trabalhadores das fábricas. Nestas fábricas o funcionário manuseava as máquinas produzindo apenas uma pequena etapa da montagem do objeto e não o objeto por inteiro, desta forma passou a adquirir um distanciamento, tanto prático como estético do objeto

finalizado, pois, não poderia opinar sobre ele, foi lançado na sociedade um novo conceito, onde o importante é a função do objeto e não o seu processo de construção. Com a industrialização, portanto a manufatura elaborada pela máquina passou a ser supervalorizada pela sociedade e, o artesão foi cada vez mais sendo ignorado num mundo de valores muito mais quantitativos, do que qualitativos.

Para (SUASSUNA, 2004a, p.261) “a criação artística reparte-se por três campos, três momentos de importância crescente: O campo do ofício, o da técnica e o da forma”. Suassuna coloca o ofício como a parte dos materiais que todos os artistas e artesãos devem dominar. A técnica é o campo mais solto, onde com um mesmo material podemos desenvolver variadas técnicas. O campo da forma ele definiu como a parte espiritual da arte, “no campo da forma a única regra soberana é ditada pela intuição e a imaginação criadora do próprio artista” (SUASSUNA, 2004b, p.267). Ele coloca o artesão no domínio do ofício e da técnica e o artista nos três campos (ofício, técnica e forma), fazendo assim uma diferenciação entre o trabalho artístico do artista e do artesão.

2.2. As Academias de Belas-Artes.

É necessário que se compreenda como é que aconteceu a educação para a arte durante a história, justamente por que este é um trabalho que busca nas oficinas passar ensinamentos sobre como se produzir um objeto com uma diferenciação plástica.

Na verdade sempre se foi repassado o conhecimento artístico entre as gerações, mas sistematicamente, como proposta estruturada, isto começou com as academias.

As primeiras academias eram associações de cunho particular, subvencionadas muitas vezes por nobres e príncipes admiradores da cultura, geralmente sem vínculo algum com o estado. Podemos considerar a Academia Platônica fundada por Lorenzo de Médici em 1474, uma espécie de precursora das academias de arte moderna (Osinsky, 2001a, p. 32),

Michelangelo (1475) foi um grande nome da época das academias, que eram direcionadas para a formação de artistas de grande refinamento, onde os ensinamentos incluíam a estética grega que estudava, além da pintura, a escultura, a arquitetura e a filosofia. Não valorizavam o artesão, um professor era o encarregado de passar os ensinamentos teóricos e técnicos ao seu grupo de alunos (OSINSKY, 2001b, p.31-34).

Com o passar do tempo surgiu no contexto político europeu o absolutismo monárquico, que foi o regime onde o rei francês Luís XIV determinou o fim do mecenato privado, que era o financiamento particular das artes da época, fazendo surgir então, a Academia de Paris (1648). As academias passaram a ser um órgão de subserviência do rei e seguia códigos militares. Os temas de estudos para quem se formava nesta academia seguiam uma hierarquia: Primeiro faziam-se estudos sobre natureza morta e paisagens eram os temas considerados inferiores, depois estudavam os animais e as formas humanas e por fim os temas que eram considerados nobres que eram as representações históricas e mitológicas (OSINSKY, 2001c, p.35-41).

Com a revolução francesa (1789) e as mudanças políticas, surge em 1791 a *Commune des Arts*, uma “associação livre e democrática de artistas sem grupos especiais, classes e membros privilegiados” (HAUSER, 1994, p.659 apud OSINSKY, 2001d, p.42). “Estas instituições tinham o objetivo de substituir a Academia apenas em suas funções de representação de classe... não atingia as atividades de instrução artística” (OSINSKY, 2001e, p. 42), portanto, as academias continuaram com a sua maneira de ensinar.

Apesar de no final do séc. XIX e começo do séc. XX, surgirem tantas correntes em artes que definiram as academias como ultrapassadas, a estrutura acadêmica do passado ainda perdura até hoje em escolas de artes.

2.3. A Missão Artística Francesa.

Em 1816 chega ao Brasil a Missão Artística Francesa, trazida por D. João VI. Esta missão trouxe artistas de todas as áreas, o que provocou a inauguração da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. Esta missão considerava o estilo barroco

brasileiro e os artesãos que aqui encontraram pertencentes a um estilo de arte inferior, “suas concepções estéticas caracterizavam-se predominantemente pela doutrina neoclássica, bastante conhecida e aceita na Europa” (REIS, 2005, p.87).

De fato o ensino artístico formal no Brasil começa com a Academia Imperial de Belas Artes (1826), após a independência do Brasil, separam-se as Belas Artes da Artes Aplicadas. “As Artes Aplicadas seriam as modalidade da produção artística que se orientavam para o mundo cotidiano, para a criação de objetos, de peças e/ou construções úteis ao homem em sua vida diária. As Belas-Artes a pintura, a escultura e o desenho” (DIAS, 2007a, p.2).

Com a República (1889) muda-se o nome para Escola Nacional de Belas Artes. Estas academias existem até hoje com o nome Belas Artes, esta proposta de ensino tem “com principal função causar a beleza sem ter necessariamente uma aplicabilidade a não ser representar a própria beleza” (DIAS, 2007b, p.3). Entendemos argumentar nesse trabalho, que esta conceituação de beleza seja o ponto principal de diferença entre o trabalho dos artesãos e dos artistas daquela época, que de certa forma ainda permeia o tipo de ensino das artes até hoje, ou seja, a arte pela arte.

2.4. As Artes Plásticas.

No início do século XX, a ideia de “belo” passou a ser encarada como apenas um ponto de vista. Em torno dos anos setenta, o termo Artes Plásticas passou a ser a denominação para os cursos superiores de ensino em artes, como a Licenciatura e o Bacharelado.

As artes plásticas incluíram, além das linguagens tradicionais estudadas e produzidas pelas Belas-Artes - pintura, a escultura, a gravura, o desenho, entre outros, a arte conceitual, performances, happenings, instalações e várias outras expressões não contempladas até então. Neste sentido, o conceito ambicionava abarcar “todas” as formas de expressões imagináveis (DIAS, 2007c, p.4).

Acontece com esta abertura a novas propostas artísticas uma nova concepção diferente do belo preconizado pelas escolas de Belas Artes, os trabalhos dos artesãos começam a ser vistos como manifestação artística.

2.5. As Artes Visuais.

“Artes Visuais é uma classificação que busca abarcar todas as possibilidades de construção da imagem em que o visual é priorizado e, de certa forma, até em detrimento de outros sentidos,” (DIAS, 2007d, p.5). O termo engloba tudo, desde a Grécia, Academias, Belas Artes, Artes Plásticas, até a construção da imagem digital da tela de TV e computadores. Considera as artes populares como o artesanato tão importante, quanto às artes ditas eruditas. Nos anos noventa este termo passou a ser utilizado para os cursos de Licenciatura e Bacharelado em quase todo o país (DIAS, 2007e, p.6)

2.6. A Cultura Visual.

Este termo começou a ser utilizado no início deste século (XXI), “A cultura Visual enfatiza as experiências diárias do visual e move, assim, a atenção dada às Belas-Artes, Artes Plásticas e Artes Visuais, ou seja, de uma cultura de elite para a visualização do cotidiano”. (DIAS, 2007f, p.7). É uma das fortes tendências da atualidade, para se denominar os cursos superiores em artes.

Os estudiosos sobre a Cultura Visual reúnem diversas experiências procurando estudar a construção social da experiência visual, englobando “às várias disciplinas do conhecimento, entre elas destacam-se: educação, sociologia, antropologia e geografia” (DIAS, 2007g, p.6). É a valorização dos artefatos, para que se possa compreender sobre a cultura que os produziu, a intenção é fazer com que entendamos como estas imagens foram produzidas e onde elas se encontram dentro da cultura e, como a pessoa deve colocar-se diante destas vastas informações visuais. Está acontecendo, portanto uma atenção especial e ampla em

relação aos trabalhos que antes eram considerados menores, ou seja, a distância entre cultura de elite, e a arte popular, está cada vez menor, devido ao entendimento de que se pode aprender muito fazendo interfaces com outras disciplinas através da arte.

CAPÍTULO 3: O CÂNCER INFANTIL

3.1. A Fundação Pio XII.

A Fundação Pio XII (Barretos SP) é um hospital especializado em câncer, foi denominado fundação em 1968, desde então tem aumentado os atendimentos em todos os tipos desta doença e para todas as idades. Devido ao crescimento do câncer infantil e a necessidade de locais de atendimento especializado, a Fundação Pio XII está construindo mais uma unidade especializada e direcionada somente para crianças.

A filosofia do tratamento pediátrico do Hospital de Câncer de Barretos acredita na cura psicossocial, ou seja, que o cuidado médico é tão importante quanto os aspectos sociais da doença. Pensando nesse aspecto, o novo prédio terá estruturas inovadoras para facilitar, dinamizar e tornar mais agradável o convívio das crianças com o ambiente hospitalar (Hospital de Câncer infantil, 2011, p.1).

Nesta unidade além de leitos para internação, laboratórios, centro de quimioterapia, recepção, administração, haverá apoio de outros setores, como:

- Centro de entretenimento (espaço para os pacientes e seus familiares)
- Anfiteatro (espaço para apresentações de palestras, filmes e aulas)
- Casa da Cultura com cursos de: Música, dança, teatro, fotografia, idiomas (inglês, espanhol) e informática.
- Brinquedoteca (Cantinho dos bebês, espaço do Faz-de-Conta, espaço de leitura, espaço de informática, espaço dos adolescentes e adultos jovens, oficina de artes.
- Quimioteca (jogos e brinquedos durante a sessão de quimioterapia).
- Classe Hospitalar (escola formal).

A Fundação Pio XII, portanto além dos tratamentos clínicos reconhece que para um bom restabelecimento, as crianças precisam de um aparato de atividades na área psicossocial, por isso está investindo em espaço físico e no corpo de especialistas, a arte-terapia de uma forma geral é o tipo de trabalho que se ajusta perfeitamente a esta nova filosofia.

3.2. A enfermidade.

Antigamente o câncer ou neoplasia era considerado uma doença humana, mas através de pesquisas se constatou que o câncer pode acontecer em todos os vertebrados. São células que se reproduzem descontroladamente e sem utilidade para o organismo, estas células provocam a destruição das células saudáveis. Estar com câncer é ter a vida ameaçada por que estas células descontroladas matam os tecidos bons, comprimindo-os, obstruindo-os e se espalhando em forma de metástase para todo o organismo, dependendo do tipo de tecido que estão atacando o câncer pode se espalhar rápido ou devagar, existe muitas formas desta doença.

Segundo o INCA, (Instituto Nacional do Câncer, 2011a, p.1) “as causas que provocam o aparecimento do câncer são variadas podendo ser externas ou internas ao organismo”, existem estimativas segundo o próprio INCA que 80% a 90% dos casos se devem a problemas no meio ambiente como: Tabagismo, hábitos alimentares, hábitos sexuais, alcoolismo, medicamentos, fatores ocupacionais e a radiação solar.

O fator hereditário também existe, mas dificilmente esta é uma causa exclusiva, pode haver também o desenvolvimento da doença por retrovírus. Estão estritamente ligadas ao aparecimento do câncer às causas externas e internas. Nas crianças o câncer acontece diferentemente do adulto, ele ataca as células do sistema sanguíneo e dos tecidos de sustentação (INCA, 2011b, p.2).

3.3. O estresse.

Toda criança que é diagnosticada com câncer vive um grande estresse sob vários aspectos aparecem muitos medos, mas o principal é a respeito da morte, um diagnóstico de câncer seja ele qual for está bastante associado à perda da vida (MARQUES, 2004, p.2).

Socialmente acontecem muitas perdas, não só o paciente é atingido pela doença, mas toda a sua família e as pessoas próximas, todos se alteram com a nova situação, a família entra em crise, a criança muitas vezes entra em um

processo de dependência não antes experimentado. “A doença física é acompanhada de manifestações na esfera psíquica, ocasionando alterações na esfera social, já que a doença provoca, precipita ou agrava desequilíbrios quer no paciente, quer na família” (CAMPOS, 1989, apud MARQUES, p.2). Emocionalmente a criança que está em tratamento apresenta ansiedade, cansaço, dores físicas, doenças oportunistas e depressão, tudo isto em maior ou menor grau. Fisicamente o tratamento é bastante invasivo, trazendo situações difíceis até então não vividas (INCA, 2011c, p.2).

A casa Vovô Antônio abriga crianças que estão neste estado de estresse, após o tratamento é para lá que elas vão para se recuperar entre um tratamento e outro, existem muitas variações de estresses, as mais comuns é o desânimo e a fraqueza devido ao efeito colateral das quimioterapias. Estas crianças ficam com as suas vidas completamente direcionadas para o tratamento.

3.4. Os Tipos de tratamentos clínicos.

As modalidades de tratamentos clínicos segundo o INCA (2011d, p.2):

O bom tratamento começa com um diagnóstico correto, existem três modalidades clássicas básicas para se combater o câncer, a quimioterapia, a radioterapia e a cirurgia, estas modalidades podem ser utilizadas separadamente ou em conjunto. O tratamento deve ser multidisciplinar envolvendo oncologistas, pediatras, cirurgiões, radioterapeutas, assim como enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, nutricionistas e dentistas, ressaltando que o tratamento deve atingir além da parte biológica também a qualidade psicossocial de vida em família, é bastante importante a compreensão familiar sobre o problema.

A quimioterapia é o tratamento à base de drogas quimioterápicas que podem ser utilizadas isoladas monoquimioterapia (uma só droga) ou por combinações de várias drogas poliquimioterapia que é o tipo mais usado por que atinge as células em vários estágios de desenvolvimento. O processo funciona como que um destruidor de células tanto das normais quanto das neoplásicas, os tipos de atuação da quimioterapia são:

- Quimioterapia Curativa, quando é para a destruição total do tumor.

- Quimioterapia neoadjuvante ou prévia é a que reduz o tumor para facilitar a cirurgia.

- Quimioterapia Adjuvante é a que é feita após a cirurgia para prevenir metástases.

- Quimioterapia paliativa é aquela indicada para melhorar a sobrevida do paciente.

A radioterapia é um tratamento feito no local do tumor, consta de radiações ionizantes que são ondas eletromagnéticas que ionizam o meio onde atingem, destruindo e inibindo o crescimento das células neoplásicas. A dose e a quantidade são calculadas pelo médico de acordo com cada caso, este tratamento alivia principalmente as dores do paciente, a radioterapia pode ser indicada isolada ou associada a outras formas de tratamento, ou seja, poderá ser pré ou pós-operatória, antes durante ou pós as quimioterapias.

Existem duas formas de se aplicar a radioterapia uma é a chamada radioterapia externa ou teleterapia que é a mais utilizada, o processo de aplicação se dá externamente direcionando os raios para o tumor, a radioterapia chamada de braquiterapia é quando o material radioativo é colocado sob forma de cápsulas no interior do local onde está o tumor e dali as radiações vão agindo para a diminuição das células doentes.

Os tipos de recomendações da radioterapia são para:

- Radioterapia radical ou curativa - aplicação que procura a eliminação total do tumor.

- Radioterapia profilática - quando a aplicação é feita para atingir possíveis células neoplásicas que podem estar espalhadas pelo organismo.

- Radioterapia remissiva - aplicada apenas para reduzir o tumor.

- Radioterapia ablativa - a aplicação para suprimir a função de algum órgão.

- Radioterapia paliativa - a recomendada apenas para melhorar sintomas melhorando a sobrevida.

Outra forma de tratamento é o cirúrgico, porém não são todos os casos que a cirurgia é recomendada, geralmente é associada aos outros tratamentos como a quimioterapia e a radioterapia, a indicação maior é quando a doença está em fase inicial e trata-se de um tumor sólido, é a chamada cirurgia curativa, onde se remove tudo. A cirurgia paliativa é aquela que retira apenas uma porção do tumor para desta forma proporcionar uma sobrevida melhor para a pessoa.

3.5. A estrutura da Casa Acolhedora Vovô Antônio.

O relato de Sirlene Maria de Oliveira Souza, idealizadora da instituição “Casa Vovô Antonio”, nos esclarece como nasceu a instituição, como ela funciona atualmente e quais são os planos futuros para a melhoria e expansão dos atendimentos.

Ela revela que comprou o terreno para a construção da Casa com o dinheiro que recebeu de herança do seu pai Antônio (daí o nome dado a Casa), em 1998, juridicamente a Casa é reconhecida como uma instituição. A Casa está atualmente em fase de nova ampliação.

Na parte chamada de pediatria, a instituição pode abrigar trinta e seis crianças de zero a dezoito anos, com um acompanhante para cada uma, além deste local, tem um anexo, que é o local onde ficam os transplantados e os paliativos. Neste local podem ficar até doze transplantados com acompanhante e existem seis quitinetes destinadas para pacientes paliativos que podem estar acompanhados por até cinco pessoas em cada quitinete. Segundo ela, “Digo que somos um grupo de amigos, pois uma andorinha sozinha não faz verão, então somos um grupo de amigos unidos para trabalhar em prol das crianças com câncer”, completa dizendo que “a família é bastante importante para a recuperação das crianças por isso a Casa abre espaço para os acompanhantes”.

As crianças que vão para Casa são indicadas pelo Hospital Pio XII, estas crianças são oriundas de locais bem distantes e, não possuem condições econômicas para pagarem uma pousada durante o tratamento. A prefeitura não faz doações por que considera que a Casa não acolhe crianças da cidade de Barretos, apenas dá isenção de 70% na conta de água, o Hospital Pio XII mantém nove dos doze funcionários, os outros três funcionários são financiados por doadores que abraçaram a causa.

Existem sócios beneméritos que doam um mínimo de dez reais por mês, a Casa promove eventos e funciona também com a colaboração de voluntários, é comum a Casa receber convidados famosos que estão na mídia como cantores, atores, jogadores de futebol apresentadores, etc, estas pessoas sempre colaboram com a Casa fazendo doações.

A Casa está sempre procurando se adaptar a realidade das crianças que para ali vão. São crianças que saem de estados bem distantes com Rondônia, Roraima, Mato Grosso, etc., existe inclusive até vindas do exterior.

Durante o dia, são oferecidas cinco refeições para as pessoas que estão na Casa. A cozinha é adaptada com pias em separado para evitar a contaminação dos alimentos, os transplantados e os paliativos ficam separados das crianças que estão em tratamento.

É notório o envolvimento de Sirlene na organização da Casa, ela não se dedica a outro tipo de atividade, diz que somente nos finais de semana é que dá mais atenção a sua própria família.

A Casa está sendo ampliada com mais cinco salas onde se está reservando uma das salas para artes, esta idéia foi reforçada aos responsáveis pela Casa Vovô Antônio devido ao trabalho das oficinas deste nosso projeto (Criatividade e Vida...).

CAPÍTULO 4: A ARTE-TERAPIA E AS OFICINAS

A origem do termo arte-terapia derivou da terapia ocupacional, principalmente das feitas em hospitais psiquiátricos, o termo se desprende para um modo de atuar diferenciado, podendo a arte-terapia atuar em variados lugares como hospitais, escolas, consultórios e instituições de todo o tipo e para diferentes públicos (URRUTIGARAY, 2008a, cap.1).

A arte de se expressar de forma terapêutica tomou grande impulso com o aparecimento da teoria psicanalítica, cujo cerne foi o aprofundamento nas questões do inconsciente. Ela (a arte) se tornou uma forma de promover catarses, possibilitou um entendimento melhor a respeito da emissão de diagnósticos e, passou a dar prognóstico a respeito de melhoras que poderiam vir a acontecer. Para Freud (apud URRUTIGARAY, 2008b, p. 21): “A arte é um produto de uma neurose que se encontra sublimado, isto é, a arte adquire uma característica defensiva bem sucedida de um conflito. Possibilita uma adequação social do ego”. Para Jung (apud URRUTIGARAY, 2008c, p. 23) “no seu livro A prática da Psicoterapia, considera o valor de utilização das técnicas expressivas como elemento propiciador do resgate do sentido de viver”.

No Brasil Nise da Silveira, psiquiatra alagoana (15/02/1905 - 30/10/1999), foi a grande pioneira em desenvolver a arte-terapia através de esculturas, pinturas e modelagens. Discípula de Jung, ela foi a criadora do Museu de Imagens do Inconsciente em 1952, no Rio de Janeiro, reunindo um acervo de obras de arte produzidas por esquizofrênicos, descobriu em suas pesquisas, que mesmo com a personalidade fragmentada, o ser humano é capaz de manter um estímulo para a produção de imagens (PEREIRA, 2003, p.1). Essa foi uma descoberta que ampliou e abriu caminhos para o universo da arte-terapia, expandindo o campo de atuação para outras enfermidades além das psiquiátricas.

4.1. Concepção.

A arte-terapia é uma metodologia de trabalho que vai enfatizar a criatividade nas artes como forma de linguagem coadjuvante em tratamentos de enfermidades, estes mediadores são: “a pintura, a escultura, o desenho, a modelagem, as colagens, o drama, os jogos dramáticos, as marionetes, o jogo de areia, a expressão corporal, a música, o canto, a poesia, a escrita livre criativa e os contos” (S.P.A.T - Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia, 2011, p.1).

Todos estes mediadores de expressão na arte-terapia, não são compreendidos pela sua forma estética, e sim, pelos recursos artísticos entendidos como facilitadores do pensamento simbólico e também como uma forma não verbal de se expressar. Somente desta forma, a arte-terapia acontece, o que consideramos bem diferente da visão comum de produzir uma obra de arte como finalidade, ou seja, a expressão artística na arte terapia é diferente do ideal estético compreendido nas artes (PERRY, WERNECK, 2009, p.141).

A finalidade da arte-terapia consiste em possibilitar a emergência de uma imagem imaginada transposta em imagem criada, a partir da utilização de materiais plásticos, que cedem sua flexibilidade e maleabilidade a quem os utiliza, para expressar seus conteúdos íntimos (URRUTIGARAY, 2008d, p.24).

Considerando que a base da concepção do que seja arte-terapia seja a transformação em imagens concretas do simbolismo interior de cada um, podemos afirmar que além da psicologia a área educacional também pode se utilizar da proposta da arte-terapia, ela pode ser uma excelente prática para auxiliar a minimizar os problemas de aprendizado e auxiliar no processo de adquirir conhecimentos. Através da criatividade, o educador pode “ajudar seus alunos a definir seus pensamentos limitadores, a reconhecer e comunicar seus medos e seus verdadeiros sentimentos e desejos. Pois o educador também é um agente atuante na formação de uma personalidade” (URRUTIGARAY, 2008e, p. 39).

A era da industrialização refletiu também na forma de conduta dos tratamentos terapêuticos, onde o uso das mãos foi esquecido dentro da conduta dos profissionais da área (psiquiatras, psicólogos), da mesma forma que, a arte institucionalizada fez com os artesãos. Assim, as terapias passaram a ser

exageradamente cerebrais, aprisionando as mãos, que são uma excelente ferramenta terapêutica.

Libertadas da tirania cerebral, as mãos podem elaborar imagens, construir objetos de grande significado simbólico, expressão e conteúdos do inconsciente, que terão significado terapêutico, não só para o criador, mas muitas vezes para o próprio observador que saiba ver. Daí, talvez, uma das razões da grande importância da arte-terapia em nossos tempos: recuperar atividades que foram sepultadas pela maré das tecnologias. (BROECHAT, 2008f, p.8-9 in: URRUTIGARAY).

O arte terapeuta Ruy L. G. Carvalho (S.P.A.T., 2011, p.4), no final da década de 90, portanto há pouco tempo designou a arte-terapia em quatro modos de intervenções que são:

- Arte-terapia Vivencial ou Expressão pelas artes.
- Arte terapia temática ou Psicoeducacional.
- Arte-psicoterapia Integrativa.
- Arte-psicoterapia Analítica.

Na Arte-psicoterapia Integrativa e na Analítica o arte terapeuta tem um papel de planejar a intervenção de acordo com o que julgar necessário, são os atendimentos realizados dentro dos consultórios e de forma mais individualizada.

A Arte-terapia Vivencial e a Temática são as duas que se encaixam nos trabalhos dentro de escolas e instituições. Para a casa Vovô Antônio, a Vivencial se encaixa perfeitamente.

4.2. A Arte-terapia Vivencial ou Expressão pelas Artes.

Este trabalho com as oficinas na Casa Vovô Antônio possui uma identificação de interface com a arte-terapia Vivencial ou Expressão pelas Artes.

Neste tipo de abordagem, privilegia-se a expressão criativa pelas artes, livre ou recorrendo-se a propostas orientadoras relativas a materiais, técnicas ou recursos técnicos artísticos, facilitando-se a descoberta interior por meio do imaginário (CARVALHO, 2009, p.192).

Esta é uma abordagem indicada para ser feita com um determinado público alvo, no nosso caso as crianças que estão em tratamento de câncer e dentro de um determinado lugar comum, a que podemos chamar de instituição Casa Acolhedora Vovô Antônio. A intervenção do orientador é mínima funcionando como um catalisador entre a materialidade e a criatividade de cada um, o trabalho é focado na expressão visual através de trabalhos concretos. “Não há necessidade de “ensinar” a criança. Ela deverá ter tempo para entrar em contato com o material, experimentar, tentar, ousar, vivenciar” (COUTINHO, 2007, P.62)

4.3. Oficinas práticas.

Estas oficinas estão inseridas na categoria da educação não formal. Entendemos por educação não formal:

Aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. A educação não formal atua sobre aspectos subjetivos de um grupo, fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de cidadania coletiva e pública do grupo (GOHN. 2006, p.28).

Esta forma de educação não está submetida a estilos formais de aprendizado, ou seja, séries, idades ou currículos pré-concebidos, o trabalho consta de propostas que começam e terminam a cada oficina, dando às crianças participantes a sensação de concretização e realização, ou seja, cada experiência prática nas oficinas tem começo, meio e finalização. A educação não formal vivenciada nas oficinas pode dar aos participantes um grande crescimento, tendo em vista que estas oficinas se adaptam as crianças e não o contrário, como é natural na educação formal, portanto este projeto tem um diferencial adaptativo dentro da rotina da Casa.

A descrição das oficinas, assim como o Plano de Curso e a Cartilha para os participantes encontram-se no item ANEXO.

4.3.1. Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

A respeito dos objetos fabricados na atualidade, existe uma necessidade de se repensar o destino destes, daí a política dos três erres, onde se almeja a diminuição do lixo no planeta (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011, p.1).

- Reduzir, é o primeiro passo, evitar a superficialidade, comprar menos, consumir produtos que tenham embalagens menores, além de tudo é uma forma de economizar financeiramente as despesas.

- Reutilizar, é a utilização de um mesmo objeto evitando jogá-lo fora, ou pelo menos retardando este processo.

- Reciclar, é manufaturar novamente o material de um objeto descartado, refazendo-o novamente evitamos a degradação e a escassez das reservas naturais, muitas vezes fica mais barato reciclar do que fazer o objeto da matéria bruta. É preciso considerar que existem várias formas de reciclagem, conforme o tipo do material, basicamente são os vidros, alumínio, plásticos e papéis.

As oficinas estarão contribuindo para o meio ambiente no quesito reutilização e redução, a reciclagem como forma de refazer os materiais não vai acontecer, por que reciclar implica processos industriais, e a proposta não é esta, os trabalhos de artes vão contemplar apenas os objetos que já existem de uma maneira diferente do uso convencional de cada um.

4.3.2. Os brinquedos.

É notável que todos os filhotes de mamíferos brinquem, porém, as crianças possuem uma enorme criatividade e variedades de formas de brincar. Grandes teóricos do comportamento humano, já se dedicaram a análise e a avaliação da brincadeira e do brinquedo, considerando-os como fenômenos que ocorrem por toda a vida.

Para Vigotsky 1984, (apud PEDROZA, 2005a, p.3) “o brinquedo não é simbolização, mas sim atividade de criança... esta atividade cria uma zona de

desenvolvimento proximal”. O ato de brincar implica a submissão a regras, ou seja, identificação de limites, o ‘brincar’ também significa autoconhecimento, socialização e memorização (WALLON apud PEDROZA, 2005b, p3)

Considerando que brincar é para a criança uma forma de “adquirir uma compreensão das relações entre os estímulos e as respostas” (MANNING, 1977, p. 119), fazer um brinquedo tem uma abrangência bastante emocional, a criança cria um vínculo a mais sobre o objeto que fez, ela protagoniza desde a feitura personificada do brinquedo até a sua aplicação lúdica, “O jogo pode ser visto como uma forma básica da comunicação infantil a partir da qual as crianças inventam o mundo e elaboram os impactos exercidos pelos outros” (PEDROZA, 2005c, p.2).

Foram desenvolvidos dois brinquedos, no brinquedo chamado de Vai e Vem, eles tiveram como suporte duas garrafas pets, elas foram cortadas, coladas e cada um fez um motivo desenhado em Eva e colado nas pets, foi bastante diversificado os motivos, demonstrando criatividade ou desenharam animais, ou o próprio nome, flores, bolinhas, corações, etc., este brinquedo é para ser brincado em duplas um de cada lado abrindo e puxando a corda. Em anexo a foto e o modo de fazer.

O outro foi o Bilboquê, um brinquedo tão antigo que era feito de madeira, desta vez foi feito na oficina com uma garrafa pet, e duas tampinhas. Nos mesmos moldes que o outro brinquedo, as crianças fizeram desenhos no Eva e colaram na pet. Este brinquedo pode se utilizado por uma pessoa ou promover tipo campeonato entre todos que fizeram o brinquedo. Ver em anexo o modo de fazer e as fotos.

Podemos considerar que vários aspectos aqui levantados foram contemplados nas oficinas dos brinquedos, primeiro por ser um grande atrativo construir algo que pode ser manuseado de forma lúdica, neste ponto o potencial e a elaboração criativa é bastante aguçada, o fato de ser feito com garrafas pets torna mais interessante por que se trata de um material de fácil acesso e que eles podem depois reproduzir o aprendizado fazendo outros brinquedos. O desenho no EVA concretiza a criatividade de uma forma bastante plausível, cada um deles fez um desenho ao seu modo, pensando na composição que ficaria melhor no brinquedo descreveu bem de acordo com a descrição da percepção no primeiro estágio, onde a construção criativa procura identificar representações concretas do que julgam ser o belo para se fazer desenhando como flores, corações e animais.

4.3.3. O diário de imagens.

O diário de imagens consta de um caderno de desenho grande com a capa decorada com EVA e desenhado com cola glitter, com a assinatura de cada um abaixo, eles confeccionaram a capa em uma oficina.

A capa é só o começo, este diário tem a finalidade de estabelecer um vínculo com o desenho no dia a dia além das oficinas. Além de poderem dar sugestões sobre temas, foi dada uma lista com temas para os desenhos, os temas dados foram: Flores, árvores, rostos, casas e paisagens. Foi sugerido usar o lápis de cor.

Devido à flutuação das presenças dentro da Casa, somente alguns se envolveram de fato com a atividade, foi o que eu pude constatar nas outras oficinas, quando pedi para trazerem o diário para eu ver.

Nesta atividade todos os pontos que o desenho pode desenvolver apareceram, a criatividade em buscar rostos de diferentes tipos de pessoas, as paisagens imaginadas dos locais de origem, a alegria dos enfeites coloridos em torno das imagens, a mente ingênua aparece bastante quando eles procuram narrar o que querem desenhar se misturando com a cena que foi desenhada.

Existe uma relação de grande afeto com os desenhos feitos, eles não desenharam coisas relativas ao tratamento no hospital, revelaram principalmente lembranças das suas casas e coisas que viveram antes da doença, como animais, pescarias e paisagens.

4.3.4. A colagem de figuras de revistas.

Todos procuram nas revistas imagens que são do agrado, esta seleção causa uma idéia de distanciamento do real significado das imagens escolhidas, camuflando a razão desta escolha, por isso esta atividade é bastante solta e prazerosa. O lápis de cor complementa a montagem dando um acabamento para que o trabalho fique único. Foi bastante comum eles seguirem um tema, carros, casa, tecnologias modernas, houve uma preocupação com a distribuição na folha para que o trabalho ficasse equilibrado. O resultado foi muito bom, até quem tinha problemas cerebrais

conseguiu realizar dentro das próprias possibilidades pessoais, realizando todas as etapas do começo ao fim (escolha, recorte, colagem e pintura). Houve uma criança de cinco anos que aprendeu a recortar nesta oficina, ela nunca havia recortado nada, ficou maravilhada com o aprendizado, fez dois cartazes.

4.3.5. Montagens e colagens.

Estas oficinas foram as que agregaram junto com a pintura e o desenho macarrões, cascas de ovos e flores secas. Estes materiais têm uma plástica que atrai bastante, o mosaico com cascas de ovos pintados fez surgir muitos desenhos tanto figurativos como corações e flores, ou abstratos como listras coloridas. O macarrão colado na caixa de papelão insinuou um trabalho tridimensional, as colas gliter e relevo deram vida ao trabalho.

O pote de isopor foi um bom suporte para a tinta acrílica, as flores secas espetadas personalizaram o objeto. Estas atividades tiveram um processo interessante onde as crianças elaboraram criativamente em suportes sobre objetos de uso do cotidiano, composições são de uso utilitário, como os potes, as caixinhas de MDF e a caixa de papelão, lembrando o trabalho dos artesões que são trabalhos únicos e para uma finalidade funcional de uso pessoal.

4.3.6. O desenho e as cores.

Estes trabalhos tiveram as cores como forma de desenhar, com o tubo de cola colorida foram feitos desenhos nos pedregulhos, nos pratinhos de papelão para as mandalas, e com o giz de cera cobriram uma folha de papel aleatoriamente. Traços coloridos, desenhos com emoção, submissão a combinação de cores, estes trabalhos são decorativos, sem funcionalidade, entram na categoria de cultura visual, porque contemplam materiais da nossa cultura e da nossa natureza, fazendo a criatividade acontecer em suportes nada convencionais. Segundo a arte-terapia as cores têm um grande significado emocional “amarelo-atenção, laranja-alerta,

vermelho-perigo, azul-precaução, verde-segurança” (URRUTIGARAY, 2008g, p.122), para manejá-las é necessário também controle e atenção.

De uma forma geral o desenho e as cores estiveram presentes em todos os trabalhos das oficinas, porém nesses trabalhos foram mais evidenciados.

CONCLUSÃO

O projeto das oficinas dentro da Casa Vovô Antônio foi uma experiência inédita, o espaço que foi destinado ao trabalho será transferido para outro local que está sendo construído. A intenção da administração da Casa é a de continuar com o trabalho neste novo local que terá um espaço físico mais apropriado.

Historicamente a nossa cultura e a nossa evolução se deram mediante as formas criativas em que processamos o nosso meio ambiente, porém o ser humano da atualidade se encontra bastante fragmentado, ficando este estereótipo de que a criatividade é um fator isolado como se fosse uma espécie de entidade pertencente somente a algumas pessoas bem dotadas e, na maioria das vezes a referência recai sobre a personalidade do artista.

A criatividade é, portanto facilmente associada a tarefas de artes, mas o mundo de uma forma geral está em um processo de entendimento de que todas as competências humanas para se desenvolver estão dependentes do incentivo ao potencial e a elaboração criativa. O simples fato de viver deve ser criativo, somente desta forma conseguimos encontrar a nossa verdadeira identidade dentro do mundo massificado do pré-fabricado e das tecnologias.

Estas oficinas de artes visuais fizeram uma interface com a arte-terapia Vivencial, a arte-terapia é considerada uma modalidade de trabalho muito recente, somente nos anos noventa é que as associações começaram a existir, são formas de trabalhos que se adaptam ao seu público, levando o fazer artístico como as artes visuais, a dança, o teatro e música como sendo linguagens não verbais de expressão, se transformando em meios de tratamento de enfermidades que vão desde as psicológicas até as físicas, podendo acontecer dentro de hospitais, dentro de instituições e até nas escolas. No caso das oficinas do projeto a interface aconteceu no fato de ser uma opção onde aconteceram catarses de emoções e desta forma pelo menos enquanto as oficinas estiveram acontecendo promoveu um ganho positivo que certamente muito ajudou na superação dos grandes problemas que estas crianças estão enfrentando, é um espaço que deve e pode ser ampliado como uma referência dentro da moradia Vovô Antônio.

O estado de alienação em que essas crianças em tratamento se encontram é bastante abrangente, elas estão distantes de suas comunidades, das suas escolas,

os seus corpos físicos são constantemente avaliados e invadidos por cirurgias, quimioterapias e radioterapias. Produzir um simples objeto trouxe a alegria oculta de cada um, fazer-se existente diante de tantas perdas, fez obter confiança e se soltar artisticamente, às vezes em um toque colorido, um traçado, ou simplesmente fazer amigos na interação com os companheiros das oficinas, esses foram dentre muitos os ganhos de quem participou das oficinas.

Esporadicamente algumas mães participaram com muito envolvimento, ora ajudando o filho em suas limitações ora fazendo o seu trabalho como se fosse uma das crianças, o resultado com elas foi muito bom também, a proposta foi aberta, a elaboração dependeu exclusivamente de quem se propôs a fazer, não podemos esquecer de que estas mães também estão alienadas junto aos seus filhos.

A alegria sempre esteve presente nas horas das oficinas, o envolvimento foi bastante real e valorizado, as crianças se preocuparam com a sua produção, procuraram fazer o melhor, se preocuparam com a combinação de cores, gostaram de ser fotografadas, foram focadas nas propostas e confiaram no trabalho, existiu um envolvimento real, o momento da atividade foi o momento somente da atividade, conseguiram se encontrar pela arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **A arte contribui muito para desenvolver o sentido de cidadania.** Entrevista Programa Roda Viva, 12/10/1998. Disponível em <<http://www.rodaviva.fatesp.br>>. Acesso em 14/11/2009.

BOECHAT, Walter. **A libertação das mãos.** In: URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Arteterapia: A transformação pessoal pelas imagens.** Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2008.

CARVALHO, Ruy Luís Gonçalves de. **Criação Terapêutica nas Instituições – Teoria e Técnica** In: **Estudos em Arte-terapia – Diferentes olhares sobre a arte.** Cadernos da Associação de Arte-Terapia do Rio de Janeiro: Edit. Wak, 2009, p.185.

CORRÊA, Ayrton Dutra; NUNES Ana Luiza Ruschel (organizadores). **O Ensino das Artes Visuais: Uma abordagem Simbólico-Cultural.** Rio Grande do Sul: Edit. Ufsm, 2007.

COSTA, Juliana Cardeal da, LIMA; Regina Aparecida Garcia de. **Crianças/Adolescentes em quimioterapia Ambulatorial: implicações para a Enfermagem.** Rv. Latino –Am. De Enfermagam v.10 n.3 Ribeirão Preto maio-jun. 2002. Disponível em: <http://scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11>. Acesso 17/09/2011.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças.** Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2007.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho – desenvolvimento do grafismo infantil,** São Paulo: Ed Scipione, 1989.

DIAS, Belidson. **Apagamentos: ei,ei,ei...cultura o quê? Visual? E as Belas-Artes, Artes Plásticas e Artes Visuais?** In: **Imagem, poéticas visuais e processos de mediação,** 2007, Goiânia. Cadernos de resumos – 8º Seminário de Pesquisas. Goiânia: UFG, 2007.

EQUIPE DO PORTAL SÃO FRANCISCO, **Reduzir, reutilizar e Reciclar.** Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-reciclagem>>. Acesso em: 25/08/2011.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 9ª edição, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol.públi. Educ., Rio de Janeiro, v14, n.50, p.27-38, jan/mar. 2006.

GOMBRICH. Ernest H. **Arte e Ilusão – um estudo da psicologia da representação pictórica.** São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2007.

Hospital de Câncer Infantil. Disponível em: <<http://www.cliquecontraocancer.com.br/subpaginas.cfm?id=122&p=hospital-de-cancer-infantil>>. Acesso em 27/11/2011, 17:01.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, (INCA). **Particularidades do Câncer Infantil.** Disponível em: <http://inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=343>. Acesso em 24/09/2011.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. **A teoria gardneriana e a problemática da educação: Desafio para a formação de professores.** In: CORRÊA, Ayrton Dutra;

NUNES Ana Luiza Ruschel (organizadores). **O Ensino das Artes Visuais: Uma abordagem Simbólico-Cultural.** Rio Grande do Sul: Edit. Ufsm, 2007.

MANNING, Sidney A. **O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente.** São Paulo, Ed. Cultrix, 1977.

MARQUES, Ana Paula Felipe de Souza. **Câncer e Estresse: Um Estudo Sobre Crianças em Tratamento Quimioterápico.** Psicol.hosp. (São Paulo) v.2 n.2 São Paulo Dez, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-74092004000200...>>. Acesso em: 17/09/2011.

MARTINS, Raimundo. **Por que e como falamos da Cultura Visual?**, Visualidades - Revista do programa de mestrado em cultura visual, 2006.

PORTAL DO ARTESANATO BAURU E REGIÃO. **O que é artesanato.** Disponível em: <<http://www.artesanatobaurueregiao.com.br/?pg=dicas/oqueeartesanato>>. Acesso em 20/11/2011.

OSINSKY, Dulce. **Arte, História e Ensino – uma trajetória.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar.** Rev. Dep.Psicol., UFF v.17 n.2 Niterói jul/dez.2005. Disponível em:<http://scielo.php?script=sci_artex&pid=S0104-8>. Acesso em: 18/09/2011.

PEREIRA, João A. Frayze. **Nise da Silveira: Imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política.** Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300012>. Acesso 29/10/2011.

PERRY, Mônica; WERNECK, Cleudes. **Arteterapia e pacientes oncológicos: Na roda das cores.** In: **Estudos em Arteterapia – Diferentes olhares sobre a arte.** Cadernos da Associação de Arte-Terapia do Rio de Janeiro: Edit. Wak, 2009, p.139.

PHILIPPINI, Angela. **Mas o que é mesmo arte terapia?** Disponível em:<<http://www.arteterapia.org.br/MAS%20O%20QUE%20E%20MESMO%20ARTETERAPIA.pdf>>. Acesso 22/09 2011.

PILLAR, Analice Dutra. **Leitura e Releitura**, in: A educação do Olhar no ensino das Artes, Porto Alegre: Ed. Mediação, 4ª edição, capítulo 1, 2006.

READ, Hebert. **A Educação Pela Arte**. São Paulo: Ed.Martins Fontes, 2001.

REIS, Ronaldo Rosa. **Da Academia e do Sistema de Belas-Artes**. In: **Educação e Estética: Ensaaios Críticos sobre Arte e Formação Humana no Pós-Modernismo**. São Paulo: Cortez Ed., 2005.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **A Compreensão do desenvolvimento estético**. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). A educação do Olhar no ensino das Artes, Porto Alegre, Ed. Mediação 4ª edição, capítulo 2, 2006.

SILVA, Marcelo João Alves da; ALVES, Maria da Conceição Amaral. COSTA, Ivoneide de França. **Imagem – Uma Abordagem Histórica**, Curitiba, Ed. Graphica, 2007.

S.P.A.T (Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia). **O que é arte-terapia?**. Disponível em:<<http://www.arte-terapia.com/pt/a-spat/o-que-e-arte-terapia>>. Acesso em 15/11/2011.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**, São Paulo, Ed. José Olympio, 6ª edição, capítulo 25, 2004.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Arteterapia: A transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2008.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso; NOVATO, Ana Cristina Ribeiro dos Santos. **Aspectos transformadores da construção em arte terapia com adolescentes**. Revista Eletrônica de Enfermagem (on line), Goiânia,v3, jan-jun. 2001> Disponível em:< <http://www.fen.ufg.br/revista> >. Acesso em: 18/09/2011.

VELLONI, Dante. **Sobre o Desenho e a Arte**. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=45 >. Acesso 22/08/2011.

VASCONCELLOS, Erika Antunes; GIGLIO, Joel Sales. **Introdução da Arte na Psicoterapia: Enfoque Clínico e Hospitalar**. Estud. Psicol. (Campinas) v.24 n.3 Campinas jul/set., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-1>. Acesso em: 17/09/2011.

ANEXOS

Anexo A - PLANO DE CURSO

Dados Gerais

Instituição: Casa Acolhedora Vovô Antônio

Turma: Crianças e adolescentes de cinco a dezoito anos, mães eventualmente.

Data: 22/07/2011 a 02/11/2011.

Orientadora: Denise Corrêa

Objetivos

Dinamizar o trabalho manual de artes visuais com interface em arte-terapia Vivencial, proporcionando desta forma uma opção de desenvolvimento psicológico e artístico dentro da instituição durante o tempo de permanência destas crianças na Casa, de forma que este trabalho venha a desenvolver a criatividade e contribuir para o sucesso do tratamento de câncer a que estão submetidas.

Procedimentos Metodológicos

As oficinas possuem a duração de três horas semanais, realizadas em um espaço que nos dias comuns é destinado à leitura, portanto este local nos dias das oficinas se transforma em ateliê. São convidados todos os moradores da Casa inclusive as mães, nem todos participam ou por que estão internados no hospital ou por que estão indispostos com a resistência baixa sem poder sair do quarto, devido à baixa resistência física que é um efeito colateral do tratamento.

É apresentada uma amostra do trabalho que deverá ser realizado e as opções que podem ser utilizadas para a realização da atividade, ou seja, as crianças começam de acordo com as instruções, por exemplo: Recortar primeiro, colar, pintar, esperar secar, etc. É recomendado que não se copie da amostra, mas que se faça algo de próprio gosto.

São utilizados materiais convencionais como tintas, papéis, caixinhas de MDF, cola, fita crepe, lápis de cor de cera, etc., que são associados a materiais

reutilizáveis, como garrafa pet, caixas de aveia, flocos de milho, tampinhas e matéria prima da natureza como: casca de ovo, flores secas, pedregulhos, enfim todo material que encontramos no nosso cotidiano.

Desenvolvimento

Os procedimentos necessários para a realização de cada oficina estão descritos na cartilha (Anexo B). Abaixo o cronograma apresentando as datas em que as oficinas foram desenvolvidas:

Cronograma:

22/07/2011	Brinquedo vai e vem de garrafa pet com EVA desenhado.
30/07/2011	Composição em caixa de papelão, pintura de desenho (impresso) com lápis de cor, macarrão colado e cola glíter.
05/08/2011	Brinquedo bilboquê com garrafa pet com EVA desenhado.
12/08/2011	Desenho com palito no giz de cera e nanquim.
26/08/2011	Mandalas de tinta guache e relevo em pratinhos de papelão/plástico.
02/09/2011	Composição em caixa de papelão e macarrão (repetição de 30/07).
09/09/2011	Elaboração da capa do diário de imagens com EVA e pinturas.
16/09/2011	Caixinha de MDF decorada com mosaico de cascas de ovos.
23/09/2011	Caixinhas com mosaico feito com cascas de ovos, elaboração da capa do diário de imagens (repetição dos dias 9 e 16).
07/10/2011	Colagens de imagens recortadas de revistas e lápis de cor.
21/10/2011	Pintura em pote de isopor com tinta acrílica/relevo e aplicações de flores secas de boldo.
02/11/2011	Pintura em pedregulho, tinta acrílica/relevo.

Conclusão

Os trabalhos das oficinas atingiram o objetivo esperado como podemos observar nos registros fotográficos apresentados (Anexo C).

As crianças que participaram se envolveram, demonstrando interesse e alegria em participar. A criatividade fluiu de forma surpreendente. Elas utilizaram bastante variação de cores ao fazer os desenhos, se interessaram pelas propostas que foram apresentadas, se divertiram com os brinquedos e desta forma estiveram com as suas mentes ocupadas com um trabalho que não incentivou a competição, mas sim o crescimento da auto-estima, deixando reflexos positivos como ajuda nos dias difíceis do tratamento.

Segundo relatos dos administradores da Casa Vovô Antônio, nunca houve uma proposta de trabalho com artes deste tipo antes e a sua continuidade foi bem aceita prontamente. Sendo assim, o projeto terá continuidade, inclusive sendo enriquecido com novas sugestões de atividades, sem data prevista de término.

Anexo B - Cartilha de procedimentos das oficinas direcionada para os participantes.

A cartilha foi elaborada para ser entregue aos participantes das oficinas, com a finalidade de registrar os trabalhos desenvolvidos. Desta forma cada um fica com um registro dos procedimentos das atividades, para que futuramente, em outras oportunidades eles possam voltar a fazer as atividades que tenham interesse em momentos fora da oficina.

CARTILHA

OFICINAS DE ARTES VISUAIS

PROCEDIMENTOS DOS TRABALHOS

Orientadora: Denise Corrêa

Barretos, Casa Acolhedora Vovô Antônio, 2011

Brinquedo: Vai e Vem.

Utilizando duas garrafas pets, quatro tampinhas e fio de nylon para varal você pode fazer um brinquedo simpático que todos gostam de brincar, faça um desenho do seu gosto no EVA para decorá-lo. As garrafas devem ser cortadas na metade superior, não se esqueça de colar tudo com cola quente, as tampinhas servem para segurar o brinquedo, está pronto o seu brinquedo. Chame um amiguinho que é só abrir e fechar os braços que o seu “bichinho” vai e vem, fig. 1.

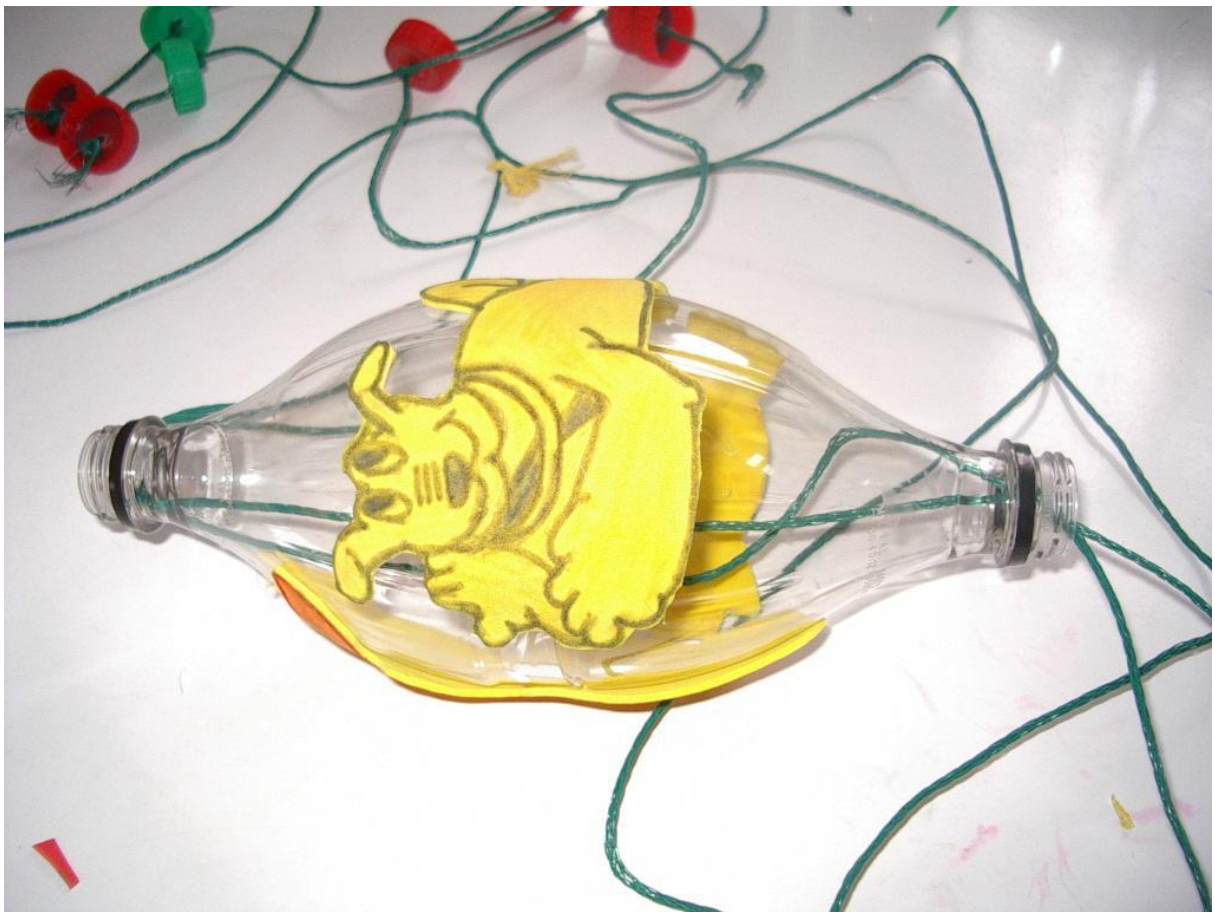


Figura 1.

Brinquedo: Bilboquê.

Este brinquedo é bastante antigo e simples de se fazer, corte uma garrafa pet na altura superior, decore com EVA desenhado, fure as tampinhas e passe um barbante entre elas, é só segurar e tentar colocar a tampinha dentro da garrafa. No final organize com a turma uma competição, quem acertar mais vezes vence fig. 2.



Figura 2.

Desenho com palito no giz de cera e nanquim.

Preencha meia folha de papel canson com traços de lápis de cera com várias cores, depois passe tinta nanquim por cima, espere secar. Com um palito de dente faça o desenho que desejar, desta forma os traços coloridos que estão embaixo do nanquim vão aparecer e deixar o seu desenho bastante vibrante. Faça a moldura com o verso de uma embalagem de flocos de milho, cole o trabalho e faça um furo para você poder pendurar como se fosse um quadro. Não se esqueça de pintar o papelão em torno do desenho com lápis de cera para fazer a moldura do trabalho como este da foto, fig.3.



Figura 3

Mosaico com cascas de ovos.

Limpe bem os ovos, tirando a película que tem no seu interior, pinte as cascas com tinta acrílica de várias cores, depois vá quebrando em pedacinhos as cores que servirão para preencher o desenho do mosaico. Em uma caixinha de MDF vá pingando cola branca e colando os pedacinhos formando os desenhos que desejar. No final com um pincel passe esta mesma cola branca para ficar como que envernizado. Pronto, você terá uma linda caixinha personalizada, fig. 4.



Figura 4.

Mandalas.

No fundo de um pratinho de papelão faça um desenho de cores variadas com cola gliter e/ou tinta relevo, ou lápis de cor. Recorte a borda do pratinho e cole em outro pratinho de plástico colorido, fure as extremidades e prenda um pedaço de fita com cliques bailarina, em uma das pontas dê uma laçada coma a fita por que desta forma você poderá pendurar as suas lindas mandalas., fig.5.



Figura 5.

Caixa de papelão decorada.

Esta decoração pode se realizada em qualquer caixa de papelão, esta já era branca. Crie um desenho ou tire um de algum site, pinte com lápis de cor, canetinha, cola glitter e/ou relevo. Depois de pintar a folha cole-a na caixa como achar melhor e complete a decoração com macarrão, cole o macarrão com cola branca, depois de seco passe cola glitter sobre os macarrões para dar brilho, deixe secar e está pronta a sua linda caixa, fig. 6.



Figura 6.

Capa do diário de imagens.

Este diário será onde você fará as anotações de imagens visuais que estão ao seu redor, use cada folha de dentro do caderno para um tema como: flores, paisagens, rostos de pessoas, casas, árvores e animais, acrescente mais algum tema que você lembrar, enfim este será o caderno em que você fará diariamente os seus registros pessoais treinando a sua observação visual.

Cole na capa do caderno de desenho um retângulo de EVA, cobrindo a capa toda, depois faça uma montagem colando EVAs coloridos formando o seu desenho, realce com cola gliter e assine embaixo, desta forma você terá um diário com a sua “cara”, fig. 7.



Figura 7.

A capa do diário de imagens pode ser feita também com desenhos feitos de cola gliter diretamente no EVA, fica bastante criativo você fazer desta forma também, fig 8.



Figura 8.

Colagens com imagens de revistas.

Escolha e recorte de revistas algumas figuras que te agradam, pode ser sobre um tema único ou figuras que podem ser associadas como que contando uma estória, depois faça uma montagem em uma folha de papel e complemente desenhando ou pintando com lápis de cor, lembre-se de assinar o trabalho, fig. 9.



Figura 9.

Pintura em pote de isopor com aplicações de flores secas.

A decoração deste pote de isopor é de pintura com tinta acrílica, cola glitter para dar brilho e flores secas de boldo, as flores podem ser pintadas com tinta guache, antes ou depois de coladas. Pinte o copo com tinta acrílica e decore com tinta relevo, ou deixe para pintar depois que colocar as flores. Para incrustar as flores faça um furinho com um palito de dente, coloque um pouco de cola branca e vá colando as flores. Use a criatividade você pode colocar as flores espaçadamente ou juntinhas, sempre procurando combinar as cores, fig.10.



Figura 10.

Pintura em pedregulhos.

Selecione pedregulhos de preferência os que sejam maiores e observe bem o formato do pedregulho que escolheu, depois imagine uma pintura que aproveite e se adapte a ele, o tema pode ser algo abstrato ou imitação de algum bichinho. Use tinta acrílica e tinta relevo para fazer as pinturas, deixe secar e está pronto o seu trabalho. Pode ser usado como enfeite ou peso de papel, fig.11.



Figura11.

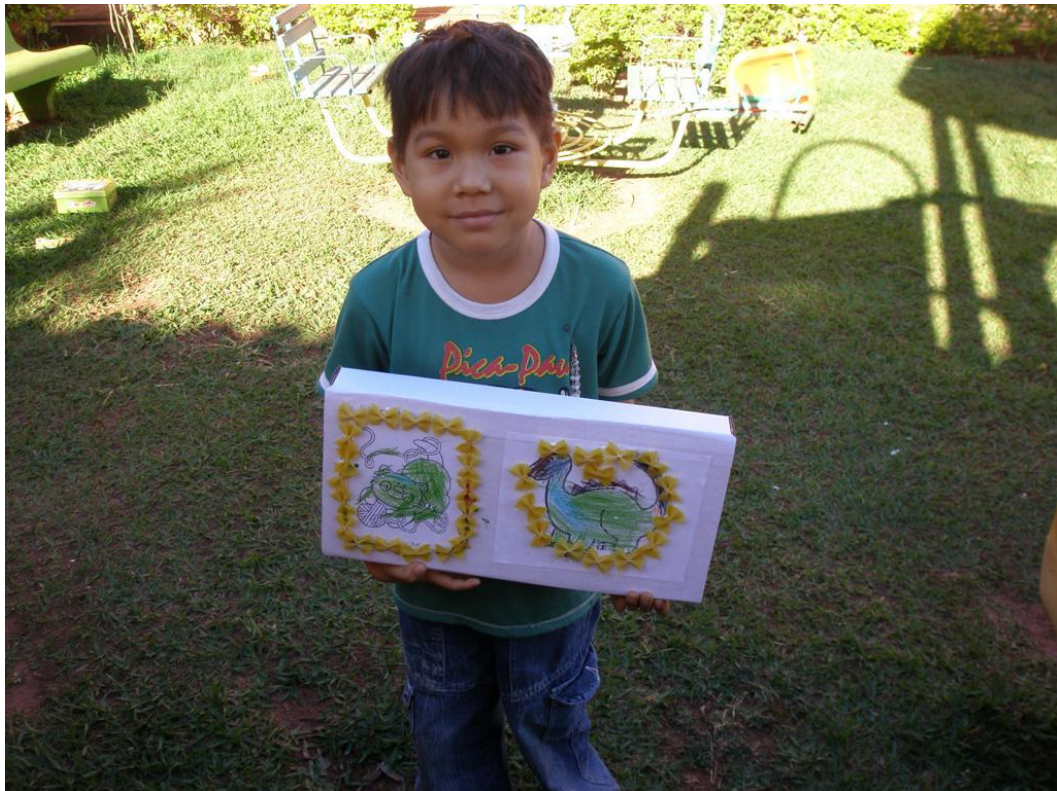
Anexo C: AS IMAGENS DAS OFICINAS

Brinquedo vai e vem de garrafa pet com EVA desenhado.



Composição em caixa de papelão.







Brinquedo, bilboquê.



Desenho com palito no giz de cera e nanquim.



Mandalas.







A capa do diário de imagens.









Caixinha de MDF decorada com mosaico de casas de ovos.



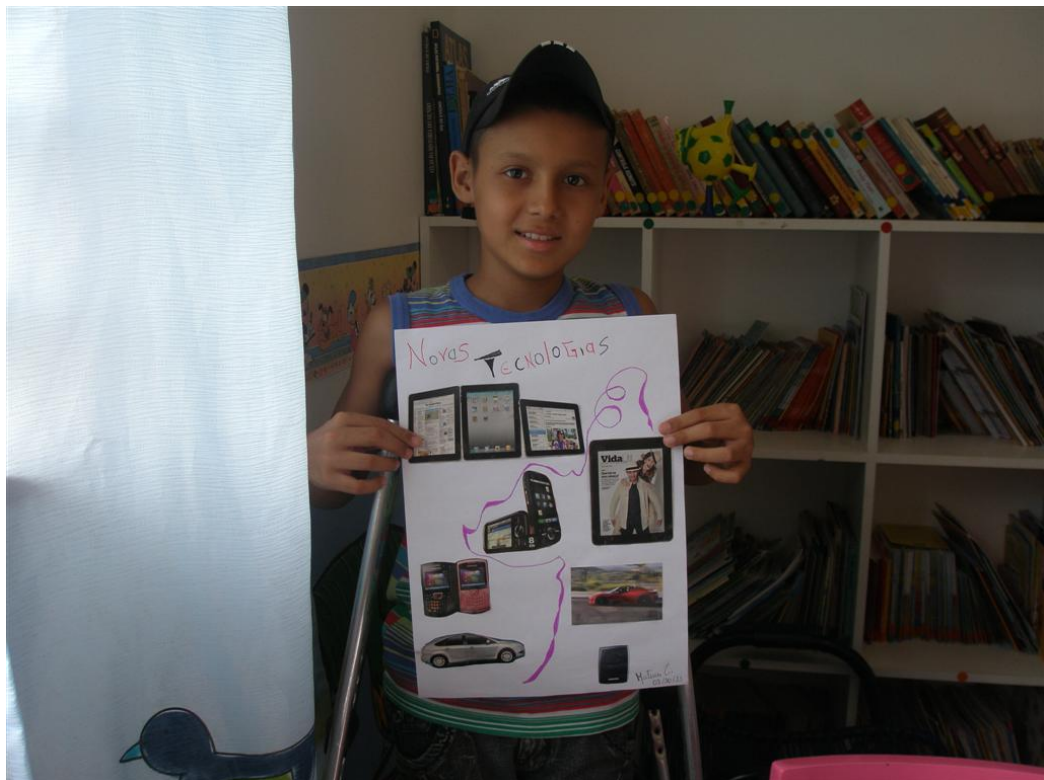




Colagens de imagens recortadas de revistas e lápis de cor.







Pintura em pote de isopor com aplicações de flores secas.







Pintura em pedregulho.







As demais fotos do projeto se encontram no álbum do Picasa:

<https://picasaweb.google.com/108103167567962691966/CasaVovoAntonio?authuser=0&feat=directlink>